

## OS OLHARES PARA O ALTAR

Gisele Oliveira de Lima<sup>1</sup>

Este artigo pretende discutir sobre os olhares dos membros da comunidade eclesial de base de Fazenda Grande, membros da Comissão de Justiça e Paz de Salvador, além de militantes políticos de Salvador que atuaram junto ao sacerdote Paulo Tonucci. A intenção é analisar as interpretações destas pessoas, que atuaram junto a Tonucci, e de que modo elas o via, as repercussões destas vivências nas memórias e os debates que eram desenvolvidos nestes grupos.

Seria importante apresentar brevemente padre Paulo Tonucci. Ele nasceu em 4 de maio de 1939 na Itália, foi ordenado como padre em 29 de junho de 1962. Após grande estímulo da Igreja para o desenvolvimento do trabalho missionário na América Latina, o jovem sacerdote veio para Salvador – BA no final do ano de 1965. Padre Paulo foi um importante sacerdote na organização e articulação de movimentos populares e organizações de esquerda durante o período da Ditadura Civil-Militar em Salvador e também em cenário nacional.

Cada memória um olhar, um mundo, uma convicção, uma conclusão, e cada qual tendo suas lembranças em acerto com seu imaginário. As diferentes memórias de Paulo Tonucci, não dirão quem foi ele, apenas são indícios do que ele deixou nas pessoas que o conheceram. Da mesma maneira, este trabalho não tem a pretensão de dizer quem ele foi, mas apenas discutir esse mundo de laços, trabalhos, escolhas, ações, crenças e políticas que Paulo e diversas pessoas compartilharam juntas.

Para adentrar nesse mundo particular, foi visitado não apenas as casas de dezenas de pessoas, mas também suas lembranças, suas alegrias, suas lágrimas, suas saudades. Apesar de muitas consonâncias entre si, cada uma deixava suas marcas nas lembranças guardadas sobre Paulo. Os caminhos destas lembranças se repetem como se estivessem sido traçados; noutras, os caminhos são repletos de receios em dizer tudo o que se pensa. Esses encontros, muitas vezes marcados, e desencontros de recordações dão o tom da multiplicidade como Paulo foi visto, ou concebido. Talvez não seja apropriado usar a palavra desencontro de recordação, mas talvez uma ou mais

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Alagoas – IFAL. E-mail: gisele.lima@ifal.edu.br



recordações destoem de outras que se encontram mais pontuadas e tracejadas. Isso não significa que há erros ou acertos, apenas memórias diferentes, umas enfáticas e outras empoeiradas pelo tempo.

### **SOB O MESMO SOL, DIVERSAS PERSPECTIVAS SE ABREM PARA CADA OLHAR.**

Cada casa visitada apontou para outras, um círculo de pessoas que se conheciam diretamente, ou muitas vezes indiretamente, e que indicavam quais destas seria melhor para entrevistar. Cada olhar que se abria focava uma perspectiva, e esta iluminava ou não outras. Diante disso, foi preciso deliberar o que se queria explorar dentro destas entrevistas, e definir quais olhares seriam mirados e esquadrihados.

Alguns entrevistados no decorrer dos seus relatos faziam questão de comentar momentos descontraídos para, justamente, mostrar que Paulo não estava preso àquela representação de sobriedade conjugada ao sacerdote. Ele tinha seus momentos descontraídos de contar piadas, de tomar sua cachaça antes do almoço, de andar com sandálias rasteiras e sua capanga ao lado, ou almoçar na casa dos paroquianos quebrando formalidades.

Representações e “fatos” não existem em esferas isoladas. As representações se utilizam dos fatos e alegam que *são* fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. (PORTELLI, 2006, p. 111)

Dado a convergência da subjetividade de cada um, esses olhares vinham envolvidos de acordo com o grau de intimidade que se tinha com Paulo. As moradoras de Fazenda Grande, os membros da Comissão de Justiça e Paz – CJP, falavam de Paulo sempre lembrando que era um sacerdote diferente, ou seja, o olhar sobre ele vinha de outra referência, de uma representação que acabava se confrontando com os “fatos” vividos com Paulo.

Muito dos entrevistados foi indicado por Délia Bonisegna,<sup>2</sup> ela repassou os telefones de muitos amigos de Paulo, dentre eles o de Teresa Dantas que

---

<sup>2</sup> Délia Bonisegna foi companheira de vida e trabalho de Paulo Tonucci. Ela começou a trabalhar com Tonucci em Fazenda Grande em meados dos anos de 1970 trabalhando com ele até a sua morte em Camaçari em 1994. Atualmente, ela é a presidente da Associação Paulo Tonucci – APITO, que se encontra em Camaçari. O acervo que contém cartas, documentos, jornais e fotos sobre Paulo Tonucci se encontram na APITO sobre sua responsabilidade.

intermediou o de Marivalda dos Santos. E esta chamou Maria da Conceição, Maria Bonfim e Norma Lúcia para falarem sobre Paulo. Já os contatos de Beth Wagner e Jaques Wagner foram conseguidos através de pesquisa na internet. Devido ao universo muito grande de pessoas conhecidas, ou que trabalharam com Paulo, foi preciso fazer uma seleção de quais nomes seriam entrevistados. Várias pessoas foram elencadas, no entanto algumas entrevistas não foram aproveitadas por repetir muitos temas e situações citadas. Os pontos definidos para seleção e os entrevistados foram:

**Moradoras do bairro Fazenda Grande**

- Maria Conceição da Silva;
- Marivalda Ferreira dos Santos;

**Membros da Comissão de Justiça e Paz de Salvador**

- Maria Ubajareida Frota de Carvalho;
- Lêda Lessa;

**Militantes Políticos que moraram no bairro Fazenda Grande**

- Elizabeth Maria Souto Wagner – conhecida como Beth Wagner;

As moradoras de Fazenda Grande foram as únicas que se conseguiu contatar devido a dificuldade de conhecer pessoas do bairro e por conta que muitos que viveram na época sacerdotal de Paulo Tonucci já tinham se mudado, ou falecido. Já os membros da Comissão de Justiça Paz que foram selecionados são um representante da coordenação e os outros dois por fazerem o trabalho de campo. Quanto aos militantes políticos, não se conseguiu outras fontes que fornecessem outros nomes, Délia relatou apenas Beth Wagner e Jaques Wagner.

Délia além de ter permitido o acesso aos documentos de Paulo que estão sobre seus cuidados, ela foi a principal porta de contatos com pessoas que fizeram parte da vida de Tonucci. No entanto, nem todas as pessoas foram contactadas por não fazerem parte dos pontos definidos como norteadores para aproveitamento das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas com um pequeno roteiro de perguntas que iam sendo colocadas para o entrevistado, com o transcorrer da entrevista se formulava outras perguntas e no final da entrevista sempre se solicitava alguma situação vivida com Paulo ou característica marcante dele. Essa solicitação tinha como intuito conhecer o lado subjetivo deixado ou provocado por Paulo nas pessoas. Nem todos os entrevistados atenderam a solicitação, já outros responderam e colocaram as características pessoais dele, como por exemplo, a radicalidade das suas posições frente ao seu trabalho e sua vida, o seu lado descontraído, simples e alegre. A interseção da sua simplicidade com

a seriedade do seu compromisso com o trabalho político social são elementos constantes nas recordações.

## 1. MORADORAS DO BAIRRO FAZENDA GRANDE

Maria da Conceição da Silva – moradora do bairro de Fazenda Grande – possui uma pequena banca no Mercado Modelo, em Salvador, e foi em meio ao seu trabalho que foi realizada a sua entrevista. Ela iniciou a entrevista dizendo que apesar do trabalho tomar muito seu tempo, ela continua atuando no trabalho comunitário que segunda ela: “é evangelizar nas famílias, nos bairros. Muito voltada também para realidade porque eu sempre estive numa Paróquia que os padres eram muito comprometidos.” (Silva, 18/08/2014). Ela explicou como se deu o seu envolvimento com a Igreja: após uma perda de visão dos três aos seis anos de idade, ela passou a frequentar mais a Igreja Católica e se apegar a Nossa Senhora das Graças. Foi a partir daí que passou a trabalhar para comunidade paroquial.

Ao pedir que comentasse sobre Paulo, ela iniciou a conversa relatando que “Paulo era simplesmente politizado.” (Silva, 18/08/2014). Houve uma situação que chamou sua atenção: foi quando a Paróquia de Fazenda Grande usava os folhetos distribuídos pela Igreja. Em uma reunião, segundo ela, Paulo comentou que tais folhetos não possuíam conteúdos da realidade, diante disto propôs fazer um grupo para que a própria paróquia confeccionasse os folhetos tendo como base a realidade do bairro. Ela comenta que “Nossa paróquia era muito viva, por causa principalmente de Pe. Paulo, porque ele se engajou muito nessa mudança daquela Igreja fechada para uma Igreja mais aberta, mais ligada a realidade.” (Silva, 18/08/2014).

Quando questionada sobre como os amigos, vizinhos, pessoas do bairro viam esse comportamento politizado de Paulo ela comentou que:

Todo mundo gostava, porque não era..., ele não falava de política assim. Ele não era de um partido, mas ele sempre mostrou que o povo tem que se unir, que o povo tem que conhecer a sua história, a sua história também política para poder se posicionar na vida. Como é que você pode lutar, se você não conhece? E nem sabe dizer o porquê está lutando. (Silva, 2014)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Silva, Maria da Conceição. Entrevista de Maria da Conceição Silva. Salvador, 18 ago. 2014.

Diante deste comentário, Maria da Conceição deixa explícito que Paulo era politizado, comprometido com a formação política das pessoas, enfatizando a importância do conhecimento histórico e político para luta cotidiana. Destaca sobre a importância do conhecimento da origem / ancestralidade e da história, para compreensão da luta e do seu lugar.

Ele (Paulo) fazia sempre encontros com catequistas. Por causa de Puebla as Igrejas saíam pros bairros, pras casas, pras famílias para uma evangelização. Não no intuito de trazer o povo para Igreja, mas fazer o povo conhecer – Você mora aqui? , Aqui tem problema? , O que podemos fazer? , Como a gente pode se organizar para mudar essa situação? . Ele era muito querido nesse sentido, porque ele não era um cara político [...] não era político partidário. Ele era político dentro da realidade dentro do sacerdócio dele. (Silva, 2014)

Ela destaca o não envolvimento partidário dele. Para ela era algo importante, talvez em função por ele ser um sacerdote, tanto que ela pontua a atuação política dele dentro do sacerdócio. No entanto, talvez a fala dela seja também envolvida ao momento o qual o Brasil estava vivenciando logo depois das manifestações de 2013, isto pode ter repercutido nas suas reflexões sobre a postura de Tonucci frente à paróquia nos anos de 1970.

Ao longo da entrevista ela afirma que Paulo era praticamente o fundador do Centro de Evangelização da Periferia de Salvador. Era um lugar onde reunia todos os padres para planejar os trabalhos das comunidades, no entanto esse centro não ficava centralizado na mão da Arquidiocese, as reuniões aconteciam na Igreja da Penha, no bairro da Ribeira, em Salvador. Foi neste espaço que Paulo expandiu seu trabalho com os quadrinhos,<sup>4</sup> pois muitas pessoas trabalharam com ele na tipografia desse centro.

Havia também reunião com os leigos, estes participavam mais diretamente do Centro de Evangelização da Periferia.

Todo trabalho lá (no Centro), todo o aprendizado, formação que a gente pegava, tudo era feito pra voltar para comunidade. Por isso que a gente, eu, Marivalda, tem outra pessoa da Igreja São Paulo, tem outras pessoas que depois se juntou(sic), que se juntou a Paulo. E que também pegaram toda essa consciência mais aberta. Quer dizer de uma Igreja mais com o povo do que uma Igreja só no altar. (Silva, 2014)

---

<sup>4</sup> Paulo Tonucci confeccionava histórias em quadrinhos tanto para Centro de Evangelização da Periferia, como também fazia para a paróquia que ele atuava.



Ao destacar a ideia de uma Igreja mais aberta, voltada mais para o povo, inclui também o papel mais atuante e presente dos leigos junto à Igreja, aos padres, à paróquia e, como consequência, junto à evangelização. Maria da Conceição em sua entrevista destaca a transformação vivida pela Igreja após Medellín e Puebla, demonstrando o quanto foi reforçada e consolidada a formação tomada nessas reuniões do Centro de Evangelização da Periferia de Salvador. Os conteúdos das conferências de Medellín e Puebla eram discutidos na paróquia.

Ela diz que ele era muito simples, andava de chinelo, de calça jeans, e comenta isto em meio a um grande sorriso de satisfação pela recordação. Impressionante como o fato de Paulo vestir roupas comuns, parecida com a dos leigos, é algo muito marcado nas entrevistas. A quebra da formalidade era algo muito forte no imaginário destes paroquianos, tornava ele mais próximo, acessível, talvez “voltando a ser humano”.

Eu sempre digo que o seminário dá formação aos padres para serem servidos. Eu acho que tem muitos padres que são mais para serem servidos do que para servir. A gente sabe da realidade dessa Igreja também, né? É preferível ficar louvando ao Senhor do que meter a mão na massa como dizia Paulo, né? (Silva, 2014)

Nessa fala, Maria da Conceição reivindica uma Igreja mais aberta, uma Igreja onde os padres sejam mais próximos, que estejam realmente dispostos a servir à comunidade, auxiliando na formação seja religiosa, política ou social. Diante disso, ela espera uma experiência mais próxima ao que foi vivida em Fazenda Grande após as conferências de Medellín e Puebla. Esse debate de Igreja aberta era algo debatido e praticado pelos estudiosos e praticantes da Teologia da Libertação na Igreja.

Ela chega a afirmar que Paulo reivindicava uma Igreja aberta, onde a comunidade participasse de todas as atividades da paróquia. No entanto ela ressalva que apesar disso ele também era de impor os encontros, ou então ele organizava tudo. Segundo ela, ele fazia isso esperando o retorno da comunidade em se prontificar na participação de todas as atividades para melhoria de todos, e que isto não poderia ser tarefa apenas do pároco.

\*\*\*

Foram entrevistadas também Marivalda Ferreira dos Santos, Maria Bonfim Reis Cerqueira e Norma Lúcia. Elas foram entrevistadas conjuntamente, pois demonstraram pouca disponibilidade de tempo e não

apresentaram receios em realizar as entrevistas conjuntamente. A entrevista coletiva mostrou pontos positivos pelo fato de uma ajudar a outra a lembrar de situações e outros personagens que atuaram na época. Apesar disso, deve se considerar que a entrevistada Marivalda, que mobilizou as vizinhas e cedeu a sua casa para realização do encontro, de certa maneira monopolizou a entrevista. No entanto, vale ressaltar que ela detinha também maior convívio com Paulo por conta de ter trabalhado na Escola 1º de Maio, por isso optamos analisar apenas a entrevista de Marivalda Santos.

Marivalda iniciou a entrevista comentando a sua primeira recordação de Paulo quando no começo ele ainda andava de batina e de bicicleta no bairro de Fazenda Grande, segundo ela, ele chamava muita atenção de todos pelo fato de um padre andar de bicicleta. Depois, ela remeteu a comentários similares feito por Maria da Conceição, quando enfatizava o quanto ele tratava todos bem, tinha amizade com as pessoas idosas, chamando de “namorada” todas as senhoras idosas.

O interessante nesse relato inicial de Marivalda é apontar que Paulo inicialmente usava batina, vestimenta usadas pelos padres, mas que ao longo do tempo e convivência, ele deixou de usar essa indumentária, usando calça jeans, sandálias de couro e blusa de botão. Recordou também a opção dele em fazer as refeições com as famílias da comunidade, fazendo revezamento ao longo das refeições do dia. Ela comentou que isso o aproximou muito da comunidade, este olhar de aproximação podemos dizer que seria uma ação infrapolítica, muito valorizada. Essa preocupação de Paulo em estar sempre próximo da comunidade se constatava não apenas nos revezamento de refeições, mas também no seu olhar social para as mínimas coisas que poderiam ser modificadas e, até, melhoradas. Um exemplo disso foi a campanha do filtro:

Ele não se preocupava somente com a parte religiosa, mas com a parte humana das pessoas, com a parte social. Eu lembro que ele criou a campanha do filtro. Porque ninguém tinha filtro dentro de casa. As crianças tomavam água da torneira, as pessoas não tinham condições naquela época (comprar um filtro). Então ele incentivava as comunidades a fazer tipo um caixa, aonde as pessoas iam dando aquele dinheirinho pra juntar e tal. E cada um tirava o seu filtro, acho que cada mês uma pessoa tirava um filtro. Até isso ele se preocupava com a saúde das crianças. (Santos, 2014)<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Santos, Marivalda Ferreira dos. Entrevista de Marivalda Ferreira dos Santos. Salvador, 19 ago. 2014.



Além da campanha do filtro, Marivalda também recordou que Paulo teve a iniciativa da criação de um posto médico no bairro, que até hoje existe, mas agora está sob a administração da prefeitura. Ela não soube relatar como era a administração deste posto antes da municipalização. A campanha do filtro, a importância de um posto médico sem muitos recursos, mas um local de referência da saúde básica, ganhava uma importância muito grande no cotidiano da vida doméstica, ganhando um caráter infrapolítico na vida destas mulheres e de seus familiares.

Ela relatou também dos encontros realizados por Paulo, estes encontros muitas vezes não eram abertos, mas segundo Marivalda, tinha-se o cuidado em saber com quem estava falando ou lidando. Nestes encontros mais restritos, Paulo sempre refletia sobre a conjuntura da época, havia folheto onde tratava sobre o sistema, sobre política, sobre a situação do Brasil, o governo militar, a concentração de renda, a não participação da população na esfera política e a dependência do Brasil com a economia internacional, principalmente americana.

Ela comentou que Paulo era um sacerdote muito engajado em atividades sociais e discussões políticas que, muitas vezes, não eram bem vistas pela repressão. Um exemplo disto foi o seguinte acontecimento:

Tenho uma prima que trabalha na Secretaria de Segurança Pública. Desde aquela época, ela é advogada. Engraçado, quando ela era estudante, ela fez estágio na Escola 1º de Maio. Aí, Pe. Paulo pagava e tudo, ela passou um bom tempo aí, e tal, fazendo esse trabalho. Aí, ela foi trabalhar lá (Secretaria de Segurança Pública), aí o chefe dela pediu que ela observasse esses padres. Que ela se infiltrasse nos grupos pra ver o que é que falavam e fazer os relatórios e passar pra ele. A mãe dela é cunhada e comadre da minha mãe, aí chegou aqui em casa, aí eu ouvi a conversa da mãe dela falando: as meninas estão lá, o chefe dela pediu para fazer um trabalho na Igreja. Elas vão dia de sábado no grupo e fica lá porque o chefe dela pediu para ouvir o que os padres falam e fazem, e vão escrever um relatório pra levar. Eu disse: eles têm que saber disso, não posso ficar calada. É minha parenta, tudo bem, mas... Aí fui lá e falei com ele (Pe. Paulo). Ele chegou e falou com Pe. Renzo. Eles pegaram ela lá, também não falou quem foi que falou, não disse a ela. Eles proibiram ela de ir no grupo. (Santos, 2014)

Esse acontecimento mostra como se dava o processo de infiltração dos setores de repressão em grupos tidos como suspeitos e, ao mesmo tempo, mostra a relação de confiança dos paroquianos com os párocos. Marivalda relatou que na época não tinha consciência de que Paulo e Renzo colaboravam juntos aos movimentos de resistência à Ditadura. No entanto, em uma situação como esta relatada provocaria no mínimo suspeita, mas a relação de fidelidade e confiança perante a atuação dos sacerdotes na comunidade fez com que ela alertasse o padre Paulo sobre sua prima e o interesse da Secretaria de Segurança Pública. O fato de não ter plena ciência que Renzo e Paulo trabalhavam além das discussões sobre o sistema ou no desenvolvimento de atividades sociais não a impediu de escolher em protegê-los. Daí pode-se dizer que isso se dá por conta do trabalho, da participação e da relação de confiança que Paulo e Renzo construíram dentro da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe.

A situação relatada não foi a única pela qual Marivalda passou, ela relatou também que chegou a trabalhar na Igreja Católica Natividade do Menino Jesus com um protestante metodista, ele participava das discussões e comungava com eles. Depois de muitos anos, ela veio descobrir quem era realmente este rapaz.

Teve um rapaz. Você lembra de Zé Carlos? (perguntando para Maria Bonfim) Trabalhou com a gente. A gente não sabia... Quer dizer, ele apareceu de repente. Zé Carlos era um branquinho, baixinho, ele era até da Igreja Metodista, mas ele trabalhava com a gente, participava das discussões, entendeu? E comungava com a gente também. Aí, Zé Carlos passou muito tempo aqui. Agora ninguém sabia nada da vida dele. Ele passou... aí criou uma associação. Eu trabalhei junto com ele. A gente ia onde tinha uma invasão, a gente ia lá dar apoio. [...] Era uma associação de bairro criada dentro da Igreja. [...] Era uma associação de bairro da Fazenda Grande. Teve outras associações, mas foi criada uma associação nessa época com esse rapaz. Aí esse rapaz foi embora, ele se aborreceu, foi até com Délia que ele se aborreceu e foi embora. Quando tem mais ou menos uns sete anos ou cinco anos ele apareceu aqui. Hoje ele mora em Brasília. Aí foi que ele veio me dizer quem era ele. Ele era uma pessoa perseguida pela ditadura. Olha o risco que eu corri também, né?! Eu andava com ele pra baixo e pra cima sem saber quem era. [...] Ele veio pra aqui, acho que justamente por isso, saiu da onde(sic) ele morava, que eu não sei onde era, veio pra cá. Aí ele se infiltrou no trabalho da Igreja, porque aí acho que todo mundo conhecia que ele era protestante metodista. Então ele estava na Igreja católica e tal, disfarçando. E hoje ele mora em Brasília. [...] O nome dele verdadeiro é Paulo Cassis. Ele veio dar o nome



dele agora quando ele veio. [...] Ele trabalha no Congresso Nacional hoje, ele casou e disse que a mulher dele é bem católica. (Santos, 2014)

Esta situação é um exemplo que a paróquia Nossa Senhora de Guadalupe era mais que um espaço onde Tonucci, Renzo e, mais tarde, Merlini, faziam apenas discussões sobre o Evangelho e a realidade do bairro. Marivalda destaca que ninguém sabia da origem de Paulo Cassis, mas que mesmo assim ele foi acolhido pela comunidade, a ponto de que mesmo todos sabendo que ele era metodista, ainda assim comungava com todos sem maiores problemas. Provavelmente, este acolhimento acontecia por conta da intermediação dos sacerdotes. Paulo Cassis foi acolhido pela comunidade por atuar na associação de bairro criada dentro da Igreja para acompanhar as comunidades de ocupação. A paróquia Nossa Senhora de Guadalupe não era apenas um refúgio aos perseguidos políticos, mas também um espaço de mobilização popular.

Após pesquisa na internet sobre Paulo Cassis foi encontrado um blog de Dulcinea Ramos Cassis, onde ela relata que tinha vários irmãos e um deles se chamava Paulo Cassis, falecido em 2005. De acordo com seu blog ele foi um militante político durante a ditadura civil-militar e, por conta disto, ele ficou anos vivendo clandestinamente.

Após contato por e-mail, Dulcinea confirmou as informações dadas no seu blog e ainda acrescentou que Paulo Cassis era metodista e que havia se casado com uma católica no período da clandestinidade no Maranhão. Quando questionada sobre a possível passagem do seu irmão pela Bahia durante a Ditadura Militar, ela não soube nos informar. Diante disto mediou contato com seu irmão, Luis Carlos Ramos Cassis, que confirmou a presença de seu irmão na Bahia, acrescentando ainda Sergipe e Maranhão. Contudo ele não tinha maiores informações sobre essa temporada na Bahia durante a Ditadura Militar.

Após sucintas pesquisas no arquivo digital “Brasil Nunca Mais”, foram encontradas as seguintes informações sobre Paulo Sérgio Ramos Cassis nos processos judiciais: era metodista; cursava engenharia na Universidade de Brasília – UnB; passou a integrar a Ação Popular – AP, como assessor estudantil em 1967; foi condenado por pichação e organização política subversiva; estava foragido; e militou junto com Honestino Guimarães na UnB

nos anos de 1967 e 1968. De acordo com Dulcinea Ramos Cassis, ele só retornou a Brasília após a anistia em 1979.<sup>6</sup>

Diante da pesquisa feita sobre Paulo Cassis, ele provavelmente fazia parte da AP. Como não foi feito maior levantamento a respeito da sua trajetória política, então não há como afirmar se ele ainda pertencia a AP no período em que ele se encontrava na Bahia. De qualquer maneira, a própria Marivalda relatou que havia presença de pessoas do PC do B ou PCB, ela não soube precisar.

Naquele tempo também vinha pessoas que não se identificavam. Entendeu? Eu lembro mesmo que tinha um grupo que a gente participava, eu, mano, Maninho, Madalena. Entendeu? Era aquele grupo Alerta. Vinha um senhor que eu nunca soube o nome desse senhor. Que naquele tempo não podia nem dizer o nome, sabia? A coisa era tão difícil que não podia dizer o nome. E ele sempre fazia as reflexões junto com a gente sobre a situação da época. Mas eu acho que ele era do PC do B esse homem, porque ele fazia também... ele trouxe uma vez o manifesto do partido comunista. Eu acho que ele era do PC do B ou do PCB, alguma coisa desse tipo, entendeu? Ninguém perguntava o nome nem nada, se tratava como companheiro (comentário feito com um pequeno sorriso). [...] As reuniões aconteciam na Igreja, porque não podia em outro lugar porque ficava visado. Porque o pessoal da ditadura estava sempre...viu?! (Santos, 2014)

Pode-se observar que havia uma movimentação de militantes de organizações políticas dentro da Igreja na paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, seja atuando dentro de associações de bairro, seja em grupos de discussões. Marivalda não soube precisar de qual organização política pertencia esse senhor que participava de um grupo chamado Alerta, mas se pode notar que não foi apenas Paulo Cassis que frequentou a Igreja e perambulou nas ruas da Fazenda Grande por exemplo.

Marivalda chegou a comentar que esses debates sobre a realidade da época eram feitos também na Escola 1º de Maio. A escola tinha formação profissional de marceneiro e electricista, mas também havia aula de matemática, português e da situação política da época. Segundo ela, Tonucci fazia questão

---

<sup>6</sup> São necessárias maiores apurações e pesquisas sobre o pertencimento de Paulo Cassis a AP, a sua condenação e a sua militância junto a Honestino Guimarães que foi presidente da Federação dos Estudantes Universitários de Brasília (FEUB) em 1968, presidente da UNE em 1970 a 1971 e desaparecido em 197(?). Somente em 2013 foi reconhecida sua morte por consequência das torturas vividas por parte dos militares.



de que as pessoas entendessem, soubessem sobre o que estava acontecendo. Ela chegou a ser funcionária da escola durante seis meses.

## 2. MEMBROS DA COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ

Além das moradoras de Fazenda Grande foram entrevistados três membros que trabalharam com Paulo Tonucci na Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador - CJP, dentre eles são: Maria Ubajareida Frota de Carvalho, mais conhecida como Bajinha, e Lêda Lessa.

Bajinha é assistente social e atualmente trabalha no Centro de Ação Social - CEAS, coordenado por associados e jesuítas. Ela falou onde conheceu Paulo e o que era a Comissão de Justiça e Paz de Salvador

Quando eu conheci Paulo em 82, ele fazia parte de um grupo chamado Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador. Essa Comissão de Justiça e Paz era um grupo de católicos, ligados a Igreja Católica. A Comissão de Justiça e Paz era efetivamente do organograma da Igreja. Ela não era nada, nenhuma alternativa fora da Igreja, era de dentro da Igreja. Tinha a Comissão Brasileira de Justiça e Paz e a Comissão do Vaticano de Justiça e Paz. Então elas eram organizadas dessa forma regional, a Brasileira e a Romana. (Carvalho, 2013)<sup>7</sup>

Bajinha na sua entrevista conta como foi o seu primeiro contato com as comunidades eclesiais de base e também sua interação com grupos partidários. Ela informou que tinha dificuldade em assimilar a ideia de uma atuação junto aos movimentos sociais frente ao cenário político da época. Sua perspectiva começou a mudar quando começou a articular as questões políticas partidárias com seu conhecimento sobre a Teologia da Libertação e sua experiência nas comunidades eclesiais de base. Foi neste momento que ela conheceu Paulo e outros sacerdotes que vivenciavam sua crença atentos ao presente.

A Comissão de Justiça e Paz fazia parte do programa de atuação da Igreja e era diretamente ligada a Arquidiocese de Salvador. O responsável pela sua criação foi o cardeal dom Avelar Brandão Vilela no ano de 1982.<sup>8</sup> Todas as suas reuniões forneciam informações e reflexões ao Cardeal que muitas vezes as transformavam em pronunciamentos. Bajinha contou que ao começar

<sup>7</sup> Carvalho, Maria Ubajareida. Entrevista de Maria Ubajareida Carvalho. Salvador, 22 jan.2013.

<sup>8</sup> Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador foi criada em 1982. Disponível em: <http://ejpsalvador.blogspot.com.br/2007/08/quem-somos-ns.html>. Acesso em 20 de agosto de 2015.

a trabalhar na CJP, ela se impressionou com as pautas das reuniões dos conselheiros da comissão, pois tratavam, muitas vezes, sobre as ocupações urbanas e a repressão do Estado, assim como a questão sindical. Em meio aos conflitos que se sucediam na sociedade, a CJP atuava como mediadora e também solicitava do Cardeal para que ele se colocasse como um intercessor entre o governador do estado e o movimento sindical, e os movimentos de bairro, para assim tentar conter atitudes mais violentas e encontrar um acordo entre ambos.

Essa experiência de requerer a ajuda do cardeal em meio aos conflitos sociais foi vivenciada alguns anos antes da criação da CJP em Salvador, um dos exemplos foi a intercessão do Cardeal D. Avelar e o Abade D. Timóteo no Movimento Baixa do Marotinho, no ano de 1976. Paulo Tonucci e Renzo Rossi acompanharam o movimento desde a sua formação e isso foi muito importante, porque através destes, o abade e o cardeal tentaram mediar um acordo para solucionar a falta de moradia dos moradores do Marotinho (LIMA, 2009). Para Bajinha, Paulo

facilitava os canais de chegada até D. Avelar Brandão, né? E o governador, por ser um governador conservador, de direitona, enfim, ouvia muito a Igreja. Porque, óbvio, que nesse regime autoritário, a Igreja, e aquele que estava no governo, eles faziam uma aliança muito forte. E dom Avelar, você sabe, nunca foi considerado um bispo de esquerda. Então, ele tinha, ele era um conservador e ele se articulava muito bem com esses partidos também conservadores. Mas aqui e ali por uma questão mesmo, talvez, de humanidade etc e tal, ele se posicionava a favor dos mais pobres e Paulo sabia como conversar com ele. (Carvalho, 2013)

No entanto essa aproximação de Paulo com D. Avelar nem sempre era tranquila, Bajinha diz ter presenciado alguns momentos de tensão política onde se evidenciava as visões opostas de ambos. Apesar disso, eles mantinham o respeito, o que permitia a continuidade do trabalho. Paulo tinha um forte interesse no trabalho da CJP, por acreditar na criação de um canal e um espaço onde pudesse trabalhar e mediar politicamente e socialmente em favor da população mais carente.

Outra coisa que chamou a atenção de Bajinha foi a origem dos membros-conselheiros que deram formação à CJP, muitos deles eram de realidades muito distante às dela, tendo a presença de reitor de universidade, doutores e pessoas que ela apenas conhecia em colunas sociais, além de religiosos de renome como dom Timóteo. Ela comenta ainda que mesmo sendo



uma comissão composta por grandes personalidades, e com alguns participantes muito mais velhos que Paulo, mesmo assim ele detinha o respeito de todos os membros. Isso ela atribui à capacidade de Paulo em transitar entre diferentes grupos, desde a classe média alta, intelectuais, professores universitários até a população mais pobre.

Na CJP, Paulo atuava como articulador, já nas comunidades populares ele atuava não só como articulador, mas impulsionador para realização de tarefas e mobilização.

Um dia ele me chamou para ir no, deixa eu ver seu eu me lembro, no Alto do Peru, lá na paróquia de Sérgio Merlini. E aí, quando eu cheguei lá, foi aí que eu vim conhecer mesmo Paulo. Aquela pessoa do povo mesmo, aquela pessoa que dialogava, italiano (tom enfático) que dialogava com o povo pobre, com o povo que, sabe? De uma maneira que o povo todo entendia ele. Paulo estava dando uma aula sobre, estava fazendo uma formação sobre história do Brasil. Eu achei aquilo magnífico (tom enfático), um italiano falando sobre o Brasil. Falando daquela forma apaixonada como ele falava. Achava isso fantástico. (Carvalho, 2013)

Ela enfatiza a capacidade dele de interlocução com a população mais pobre e, ao mesmo tempo, o envolvimento e engajamento na formação destes. O interesse dele nos estudos sobre a história do Brasil acabou rendendo histórias em quadrinhos publicados no Boletim “O mensageiro” da Arquidiocese e um livro em quadrinhos intitulado História do Brasil.<sup>9</sup>

No período de atuação na CJP, Paulo já estava trabalhando em Camaçari, mas não deixava de trabalhar em Salvador, principalmente acompanhando as atividades da comissão. A CJP, segundo Bajinha, acompanhou diversos movimentos, dentre eles o movimento do Bairro da Paz, onde passou a atuar na mediação dos conflitos do bairro, dando assessoria jurídica, trabalhando com a comunidade, debatendo sobre a violência, educação, saúde, saneamento básico e vários outros temas. Além do Bairro da Paz, a comissão acompanhou a ocupação onde se encontra hoje o Parque Costa Azul, as ocupações dos Novos Alagados, trabalhando conjuntamente com Vera

---

<sup>9</sup> Ele chegou a publicar livro sobre a História do Brasil em Quadrinhos com auxílio do Professor Universitário Ubiratan Castro de Araújo. Ver mais a respeito em: LIMA, Gisele Oliveira de. Padre sim, mas não a manivela: Trajetória de Paulo Tonucci (1966-1994). Tese (Doutorado História) Faculdade Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

Lazzarotto e seu marido, Lázaro Lazzarotto, colaborando na fundação das três escolas da Sociedade 1º de Maio.

Bajinha também recordou do apoio da CJP junto aos *ribeirinhos e beradeiros* que estavam sendo retirados para construção da barragem Pedra do Cavalo. Esse trabalho foi desenvolvido em colaboração com a Comissão Pastoral da Terra – CPT e com a Comissão Evangélica dos Direitos da Terra – CEDITER.<sup>10</sup>

Além das parcerias citadas acima, ela comenta também sobre os trabalhos em conjunto com o CEAS, tendo negociação para o desenvolvimento dos trabalhos e havendo divisões de tarefas em determinados bairros ou ocupações. Ela exemplifica que a CJP, muitas vezes, ficava responsável pela parte de mobilização e organização das pessoas, o CEAS ficava incumbido pela parte da formação política. Inclusive, Bajinha disse que normalmente a comissão não entrava em uma comunidade sozinha.

Tinha também os religiosos inseridos nessas comunidades, que era o nosso ponto de apoio. Então era muito difícil que dentro de uma comunidade dessa não tivesse um grupo de religiosos, seja masculino ou feminino. (...) Em Saramandaia, nós tínhamos lá uma comunidade de religiosos masculino e feminino, a irmã Paula e o padre Geraldo, ele era um irlandês e ela, não me lembro, acho que era italiana. Irmã Paula e o padre Geraldo era nosso ponto de apoio. (...) Tínhamos todo esse apoio, por exemplo: nós íamos fazer um seminário de formação política. A gente ia fazer uma reunião sobre melhorias para o bairro, políticas públicas, desenhar o mapa de demandas do bairro. A gente chamava planejamento estratégico local, então (...) a gente juntava todas as lideranças ali. A gente passava um dia fazendo o planejamento. Então essas irmãs, essas pessoas inseridas lá, elas convocavam lideranças, elas preparavam um lanche, organizava o local onde a gente ia fazer. O CEAS entrava com análise de conjuntura, a gente entrava com a metodologia de desenho, um mapa de demandas. (...) A gente tinha uma parceria (com a Faculdade de Arquitetura e Engenharia Civil), eles nos ajudavam no projeto arquitetônico. Normalmente, um dos estagiários deles ia lá para poder fazer os desenhos, para poder fazer a marcação com piquete. Às vezes, eles instruíam a comunidade

---

<sup>10</sup> Ver mais a respeito sobre o trabalho da CPT e CEDITER: Guimarães, Rosemeire Maria Antonieta Motta. *Ética, política e conflitos socioambientais às margens do baixo Paraguaçu*. Tese de doutorado – Universidade Federal de Sergipe, 2015; e Brito, Charlene José de. *Da assistência à resistência: ecumenismo presbiteriano, mendicância e luta pela terra na Bahia. (1968-1990)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em História – Universidade Estadual de Feira de Santana. 2013.



de como seria melhor fazer se era de adobe ou de tijolo mesmo, enfim. (...) A gente fazia essas articulações. (Carvalho, 2013)

Havia a participação dos religiosos das comunidades e a colaboração das faculdades de arquitetura e engenharia civil da Universidade Federal da Bahia e os institutos da Universidade do Estado da Bahia para formulação de projetos tanto de casas populares, como também de espaços coletivos.

Paulo Tonucci além de articulador e conselheiro nas ações da comissão, inicialmente teve um papel importante como mediador financeiro junto às entidades estrangeiras. A arrecadação dos fundos permitia a manutenção e realização das atividades da CJP. Como a comissão, ao longo dos anos, foi tendo resultados positivos e se tornando um espaço de referência pela sua atuação nas comunidades, isso garantiu boas relações junto a entidades internacionais.

Quando Bajinha foi questionada sobre quem era Paulo e se o considerava radical quanto a sua posição política, ela respondeu que “era um homem que não tinha medo de ser gente. Sabe? Com defeitos e qualidades.”. Ela acrescentou que não o considerava radical em nada sobre sua posição política, a única radicalidade que ela enxergava nele era o projeto de vida: “O que ele escolheu estava escolhido. Ele era padre, padre mesmo, e ele estava a serviço do povo. Isso era a radicalidade da vida dele.”. Essa fala de Bajinha se relaciona um pouco com a fala de Maria Conceição quando diz que Paulo trabalhava junto com a comunidade, que ele, Renzo e outros que praticavam as experiências de Puebla e Medellín eram padres a serviço da comunidade e não sacerdotes a serem servidos por ela. Apesar de viverem em ambientes distintos, elas enxergavam Paulo de modo bem parecido - um padre a serviço do povo seja na Paróquia ou na CJP.

\*\*\*

Lêda Lessa<sup>11</sup> foi outro membro da CJP. A entrevista discorre sobre as atividades da comissão assim como a atuação de Paulo na entidade. Ela relata que quando chegou na Comissão já havia uma divisão de áreas de atuação, entre urbana e rural, o trabalho rural da Comissão estava mais centrado nos movimentos rurais próximos de Salvador. Para Lêda, Paulo era a “eminência parda”, por ser importante na conexão entre a Igreja e os movimentos sociais. Ela enfatizou a jovialidade, o espírito jovem e alegre de Paulo, o que atraía muitos jovens para trabalhar junto a ele. Destacou a sua capacidade de se

---

<sup>11</sup> Entrevista de Lêda Lessa. Salvador, 01 jul. 2013

articular e de se relacionar com diferentes pessoas, de diferentes lugares ou condição social, evidenciou que o trato social dele era muito apurado, o que permitia ter contato com diferentes pessoas trazendo esta gente para fazer as coisas funcionarem, ou melhor, fazer as coisas acontecerem.

Ela ainda acrescentou que Paulo era um homem muito pragmático, objetivo, não tinha muita paciência para muitas delongas, e que isso impulsionava o trabalho. Apesar disso, reitera que ele não era um homem intranquilo, era um homem de ouvir, mas também não se refutava em dizer o que pensava. Próximo do final da entrevista ela o define como um “humanista e cristão”.

### **3. MILITANTES POLÍTICOS QUE MORARAM NO BAIRRO DE FAZENDA GRANDE.**

Foram entrevistados também dois militantes políticos que trabalharam na Escola 1º de Maio e moraram em Fazenda Grande: Elizabeth Maria Souto Wagner, mais conhecida como Beth Wagner, e seu então marido Jaques Wagner. Ambos eram militantes do PC do B e depois foram para o PT. Por volta de 1974 a 1975, eles se mudaram para Fazenda Grande onde conheceram Tonucci. No entanto vamos analisar apenas a entrevista de Beth Wagner, pois Jaques Wagner não apresenta elementos a mais relatados por Beth que não tenha feito com maior detalhamento.

Beth Wagner iniciou sua entrevista relatando que estava sofrendo perseguição da ditadura e por causa disso saiu do Rio de Janeiro acompanhada de Wagner e outro militante chamado Agenor e foram para Belo Horizonte na esperança que as coisas se acalmassem para retornarem a capital carioca. Depois de certo tempo, viram que não seria possível e decidiram sair de Minas e ir para São Paulo para trabalharem como operários para sair daquela situação de aparelho.<sup>12</sup>

Essa escolha tinha como intuito reencontrar algum contato com o partido e com a militância política. Em 1974, resolveram vir para Bahia mesmo sem conhecer ninguém e, por conta disto, não fizeram contato com nenhum ambiente político inicialmente. Ela relata que foi através de sua irmã em

---

<sup>12</sup> Aparelho: local – apartamento ou casa – usado como refúgio por uma “célula” (grupo de ativistas) de organização política clandestina. Era o espaço onde se realizava reuniões, guardava materiais de divulgação política, dinheiro e armas.



contato com o padre Hugo Paiva e dom Adriano Hypólito<sup>13</sup> da Igreja em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, que conseguiram contatar padre Andrés do Centro de Ação Social - CEAS e através dele que chegaram ao padre Paulo Tonucci e Renzo Rossi

Dali do Bairro Soledade nós decidimos nos mudar para Fazenda Grande, exatamente por conta desse contato com padre Paulo. Aí mudamos para Fazenda Grande e passamos a ter uma ação política junto com... Porque esses movimentos da Igreja, aqui, naquele momento, era, eu diria praticamente, a alternativa naquele momento de ditadura militar. Porque os partidos estavam todos proibidos, todo mundo perseguido, grande parte presa. Onde se podia ter militância política? Com a Igreja, ela era o grande desaguadouro para quem quisesse ter uma militância política. E o trabalho que faziam era um trabalho impressionante de base, porque era um trabalho enraizado nas comunidades. Não era... Era Teologia da Libertação mesmo que orientava todo o trabalho daqueles padres, todos eles – padre Sérgio, padre Renzo. Conhecíamos todos eles, porque eles estavam ali pertinho, eles eram de São Caetano, era tudo muito próximo. (Wagner, 2013)<sup>14</sup>

Ela comentou sobre a importância dos trabalhos de base da Igreja como um dos poucos ambientes políticos que ainda podia-se conviver principalmente para quem tinha interesse em fazer militância política. Ela enfatizou o trabalho conjunto dos padres Paulo, Renzo e Sérgio, todos atuando tendo a Teologia da Libertação –TdL, como o norte. Depois ela comenta sobre a Escola 1º de Maio.

Eu lembro que eu dei algumas aulas de matemática, Wagner deu algumas aulas, mas na área técnica mesmo, porque ele já estava trabalhando como operário. Foram formações técnicas que tinham ali e de alfabetização também. Várias ofertas de formação ali mesmo. (...) Ali tinha muita reunião política, de organização, reuniões de tudo. [...] A Escola 1º de Maio era um centro que se rodava material de tudo quanto é lugar. Era um centro de difusão da luta contra a Ditadura, sem dúvida nenhuma era. (Wagner, 2013)

---

<sup>13</sup> Dom Adriano Hypólito (1918-1996) foi bispo auxiliar de Salvador (1963-1966) e depois bispo diocesano de Nova Iguaçu (1966-1994). Maiores informações sobre Adriano Hypólito. Disponível: <http://www.nytimes.com/1996/08/13/world/bishop-adriano-hypolito-78-ally-of-brazil-s-poor-is-dead.html> ou <http://advivo.com.br/blog/louzada/homenagem-a-dom-adriano-hypolito>. Acesso em 20 de outubro de 2015.

<sup>14</sup> Wagner, Elizabeth Maria Souto. Entrevista de Elizabeth Maria Souto Wagner. Salvador, 21 nov. 2013.

A escola era um ambiente de formação técnica, assim como de articulação e formação política. Ali era uma espécie de gráfica clandestina onde se rodava os materiais dos movimentos políticos considerados pela Ditadura Militar como subversivos. Não é por acaso que as ações de Paulo, Renzo e também Sérgio chamavam a atenção dos órgãos de informação como a Secretaria de Segurança Pública, como foi citado por Marivalda. Délia Bonisegna também já tinha comentado sobre a gráfica que funcionava na Escola.

Ela comentou também sobre a importância desses espaços de discussões criados pela Igreja nesses trabalhos de base, sendo como uma alternativa aos ambientes de aparelho.

A Igreja foi um ponto de apoio pra todos nós: o CEAS, o D. Timóteo, o padre Paulo. Paulo era um libertário, a abdicação dele... A gente discutia sobre tudo, tinha debate sobre o teor daqueles quadrinhos que o Paulo fazia. A gente discutia o teor daqueles quadrinhos. A gente participava da elaboração, claro que ele desenhava, ele tinha todo talento pra aquilo ali. Mas todos nós participávamos, qual seria a temática, qual o conteúdo a ser colocado. Tudo isso era discutido, foram grandes centros de debates políticos, pra todo mundo, não era só para comunidade popular que tinha ali. Era todo mundo que não tinha onde fazer política e vinha fazer política nesses ambientes. (...) Naturalmente esse ambiente realmente se tornou uma referência para quem militava clandestinamente. Se tornou um ambiente que você podia discutir publicamente, manifestar sua opinião, trocar ideias com o outro sem estar num aparelho – como as pessoas se referiam àqueles locais clandestinos onde havia as reuniões. Então ali (nas reuniões organizadas pela Igreja) você estava exposto, num lugar de circulação mesmo. (Wagner, 2013)

Ao longo da entrevista, ela enfatizou a importância dessa conexão criada pela Igreja, a comunidade e os militantes de organizações de esquerdas. Ela apontou que a sua situação, a de Wagner e de Agenor era tentar se reintroduzir na luta política. Esse processo de se inserirem nas atividades das comunidades de base da Igreja foi muito importante por ter sido um espaço de discussões, de ideias para reencontrarem outros militantes, buscarem outros caminhos alternativos de resistência e luta política à repressão e à Ditadura.

Nessa fala, ela comenta também sobre o processo de criação dos quadrinhos feitos por Paulo, sobre as discussões temáticas, qual conteúdo deveria ser abordado. De acordo com Beth Wagner, os temas eram debatidos e decididos coletivamente para, depois, Paulo colocá-los em linguagem



quadrinística. Não se sabe se essas participações coletivas foram em todos os quadrinhos, no entanto não se pode descartar que talvez tenham havido discussões sobre quais temas poderiam ser contemplados nos diversos quadrinhos feitos por Paulo. Assim como os outros entrevistados citados anteriormente, Beth Wagner fala sobre a aproximação de Paulo com os jovens.

Ele (Paulo) tinha aproximação imensa com a juventude, ele fazia grupos de jovens ali na Igreja Vila Natal. Tinha vários grupos de jovens. E essas pessoas foram lançadas na vida posteriormente com algum nível, muitas da que eu conheço, com comprometimento social e político. De alguma forma, mesmo que seja mais ou menos, tinha de fato isso. (Wagner, 2013)

Ela acrescenta que esses grupos de certo modo colaboraram para o envolvimento social e político destes jovens ao longo de suas vidas. Ela recorda das reuniões que aconteciam no centro paroquial do bairro de Escada.<sup>15</sup>

Aquele centro de Escada era ocupado fim de semana não só por seminários pra discutir determinadas temáticas e ações que seriam feitas, por exemplo, organizar a luta em que estávamos envolvidos. Eram umas coisas muito alegres também: tinha feijoada, sarapatel, cerveja. Era um negócio muito agregador do ponto de vista humano de pertencimento. As pessoas se sentiam numa ágora, num ambiente comum ali. (Wagner, 2013)

Não havia apenas a interação para discussões sobre a luta política ou sobre as atividades que deveriam ser realizadas, havia a preocupação em se construir um ambiente de pertencimentos de interação, de ludicidade. Ela relembra que a Escola 1º de Maio, além de ser um espaço de formação ou de reuniões de organização, era também de atividades culturais onde se realizava capoeira, maculelê, apresentação de teatro.

Beth Wagner comenta também sobre o caráter jovial, libertário e também firme de Paulo.

Paulo ainda por cima era uma pessoa afetiva. Isso que você pega da juventude (Paulo), era uma pessoa afetiva, além de libertário, ele não era um cara dogmático. Ele era muito aberto, por isso que ele transitava com muita gente, mas ao mesmo tempo era muito firme. Ele não era uma pessoa de, por

---

<sup>15</sup> Havia também encontros realizados na Paróquia de Escada, por isso ela recorda desses seminários.

exemplo, conciliações com coisas que ele achava que eram inegociáveis. Então ele teve uma posição muito firme naquele período. (Wagner, 2013)

Novamente são citadas essas características de firmeza, de opiniões firmes, mas ao mesmo tempo a capacidade de interação com diferentes pessoas. Ela finaliza sua entrevista comentando uma característica de Paulo e o que recorda dele.

Característica de Paulo é esse espírito de luta, de comprometimento público e recheado de tudo isso que eu falei: de generosidade, de capacidade de acolher opiniões das pessoas e uma alegria. Paulo era uma pessoa que contaminava pela alegria. Ele era realmente uma liderança, um motivador, um agregador e com firmeza. O acolhimento dele com a gente nos abriu tanto espaço. Isso é o que mais me lembro dele. (Wagner, 2013)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que estas memórias revelam um pouco como Paulo Tonucci colocava a TdL em prática no seu dia a dia, tendo como elementos o envolvimento com a comunidade, estimulando esta para ser engajada e autônoma.. Outra característica pontuada nas falas das moradoras de Fazenda Grande era a simplicidade de Paulo, o que de certa maneira provocava admiração não só delas como dos colegas de trabalho da CJP, como também por parte de Beth Wagner. Essa simplicidade, o fato de morar na periferia, foram elementos importantes para ele ganhar credibilidade e respeito.

O trabalho de Paulo em acolher os perseguidos políticos foi muito importante não só por conta da solidariedade, mas também por incentivar o envolvimento destes em atividades da comunidade como, por exemplo, a participação na associação de bairro ou na colaboração dentro da Escola 1º de maio. Essa relação de colaboração permitiu que os militantes ganhassem outro olhar em relação ao processo de formação política, assim como a comunidade também passou a desenvolver uma visão política e social dentro deste triângulo relacional: sacerdotes da TdL, perseguidos políticos e comunidade de bairros populares.

Como destacou Bajinha, Paulo desempenhou um importante papel de conexão entre diferentes grupos, fazendo com que através deste elo projetos como a escola profissionalizante ou a consolidação da CJP desempenhassem papéis importantes na organização dos movimentos populares e ao mesmo tempo estimulou a comunidade de Fazenda Grande a buscar melhoria na formação profissional. Ou seja, o projeto político de Paulo não era só de resistência à Ditadura, mas, principalmente, de transformação social.

A preciosidade destas memórias demonstra o quanto a Igreja foi um espaço importante de formação política e religiosa, apresentando de que modo foram forjadas essas relações. Além de apresentar a forma como a Igreja abriu certos espaços sociais para inserção política de personagens advindos de organizações de resistência, e como também auxiliou na formação política de comunidades. Observa-se que apesar da posição da Igreja ter sido a favor do governo ditatorial civil-militar, havia membros da alta hierarquia que eram tensionados pelos apelos humanísticos, quanto ao desamparo e pobreza social que se encontrava muitas comunidades populares. Neste limiar que alguns padres, a exemplo de Paulo Tonucci, atuavam, organizando e articulando a CJP com o CEAS e movimentos populares, mantendo a prática da TdL e dissimulando como uma ação da alta hierarquia da Igreja.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Iraneidson Santos. *Que papo é esse? intelectuais religiosos e classes exploradas no Brasil. (1974-1985)*. 298f. Tese(Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social - UFBA, Salvador, 2007.

GONZALEZ, Maria Victoria Espiñeira. *O partido, a Igreja e o Estado nas associações de bairros*. Salvador: EDUFBA, 1997.

GOTAY, Samuel Silva. *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe (1960-1973)*. Implicações da Teologia da Libertação para a Sociologia da Religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

LIMA, Gisele. *Movimento Baixa do Marotinho: A luta pela moradia em Salvador (1974-1976)*, 113f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2009.

LOWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PERANI, Cláudio. Comunidades Eclesiais de Base e Movimento Popular. In: Cadernos do CEAS, Salvador, Centro de Estudos e Ação Social. Janeiro/Junho, 2009, nº 233, pp. 61-73.

PERANI, Cláudio. *Pastoral Popular: poder ou serviço?*. In: Cadernos do CEAS, Salvador, Centro de Estudos e Ação Social. Janeiro/Junho, 2009, nº 233, pp. 75-91.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. In: Estudos Históricos, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 05 de maio de 2016.

PORTELLI, Alessandro. *O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. Usos e abusos de História Oral. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 103-130.

ROSEMAN, Mark. *Memória sobrevivente: verdade e inexatidão nos depoimentos sobre o Holocausto*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000, pp. 123-134.

ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos de História Oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VEIGA, Alfredo César da. *Teologia da Libertação: Nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da imagem do excluído dos anos 1970 à época atual*. 295f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade São Paulo, São Paulo, 2009.

ZACHARIADHES, Grimaldo C. *Jesuítas e o Apostolado Social durante a Ditadura Militar: a atuação do CEAS*. Salvador: EDUFBA, 2009.